

Entre África e Brasil: a permanência dos sinos de Alladá e Uidá em Minas Gerais no século XVIII

Between Africa and Brazil: the persistence of the bells of Alladá and
Uidá in eighteenth-century Minas Gerais

*Keli Carvalho Nobre de Souza*¹

¹ Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestra em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

RESUMO

Neste artigo, analiso o uso dos sinos, inclusive por mulheres, nos reinos de Alladá e Uidá, localizados na Costa da Mina, na África Ocidental, e demonstro como este instrumento musical reaparece em Minas Gerais no século XVIII, sendo utilizado por Rosa, uma africana da nação Mina². Inicialmente, abordo a formação dos povos desses reinos, para em seguida, examinar o uso da música em Alladá, com ênfase em sua função nas relações diplomáticas com outros grupos. A partir dessa análise, investigo a presença dos sinos nas fontes históricas do século XVIII, com destaque para o protagonismo das mulheres musicistas de Alladá, que cantavam e tocavam, tendo os sinos como um dos instrumentos utilizados. No quarto item do texto, apresento indícios da utilização dos sinos também nas práticas comerciais do reino de Uidá. Por fim, analiso a recriação do sino em Minas Gerais no século XVIII, com foco na africana Rosa, de nação mina, registrada como mulher escravizada de Bernardo Pinto, na Vila de São José del-Rei, em 1724. Com este estudo, busco evidenciar a continuidade das práticas musicais africanas no contexto da diáspora, tomando o sino como objeto central de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Sinos, Mulheres; Alladá; Uidá; Diáspora africana.

² PT/TT/TSO-IL/030/0290 – m0238 a m0274

ABSTRACT

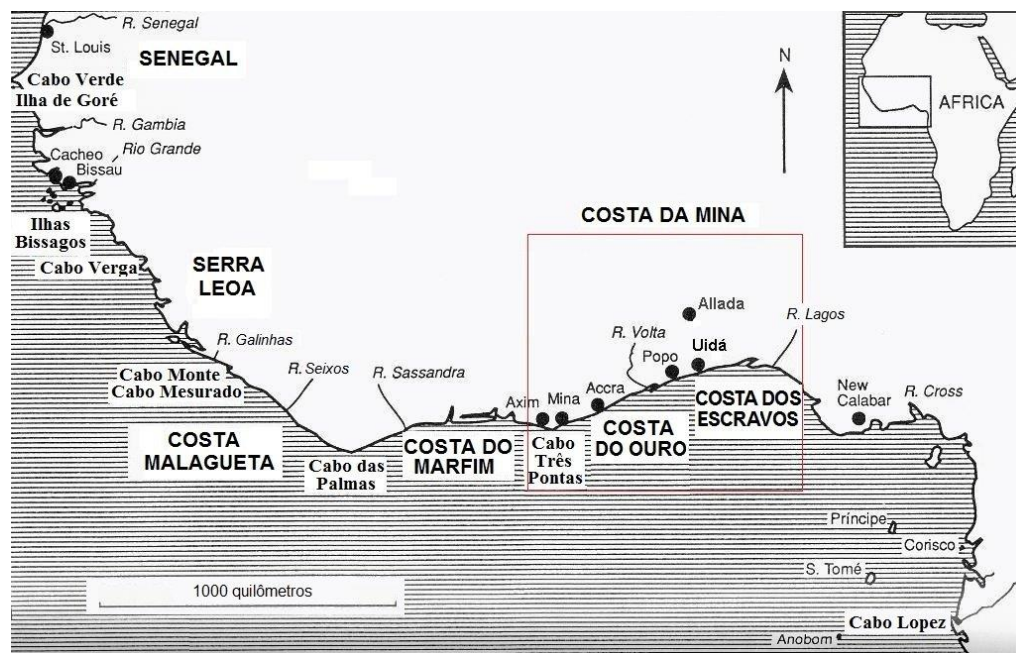
In this article, I analyze the use of bells, including by women, in the kingdoms of Alladá and Uidá, located on the Mina Coast in West Africa, and demonstrate how this musical instrument reappears in eighteenth-century Minas Gerais, being used by Rosa, an African woman from the Mina nation. I begin by discussing the formation of the peoples of these kingdoms and then examine the use of music in Alladá, with an emphasis on its role in diplomatic relations with other groups. Building on this analysis, I investigate the presence of bells in eighteenth-century historical sources, highlighting the prominent role of the female musicians of Alladá, who sang and played, with bells among the instruments they used. In the fourth section of the text, I present evidence of the use of bells in the commercial practices of the kingdom of Uidá. Finally, I analyze the recreation of the bell in eighteenth-century Minas Gerais, focusing on the African woman Rosa, from the Mina nation, registered as an enslaved woman owned by Bernardo Pinto in the town of São José del-Rei in 1724. Through this study, I aim to highlight the continuity of African musical practices in the context of the diaspora, taking the bell as the central object of analysis.

KEYWORDS: Bells, Women; Alladá; Uidá, African diaspora.

Os Povos de Alladá e Uidá na África Ocidental

O Entre os séculos XVII e XVIII, diversos povos ocuparam a região conhecida como Costa dos Escravos, localizada na Costa da Mina, na África Ocidental, formando importantes reinos como Popo, Alladá, Uidá e Daomé (Figura 1).

Figura 1- Mapa da Costa da Mina, final do século XVII



Fonte: adaptado de *Jean Barbot on Guinea*. Disponível em www.costadamina.ufba.br

Os reinos de Uidá e Popo foram constituídos por dois povos em especial, os hulas e os huedas, que provavelmente vieram do reino de Tado, no interior do atual Togo. Como resultado de brigas internas no reino de Tado, alguns povos começaram a migrar da região, entre eles os agasuvi, ou descendentes de Agasu, que, ao chegar na região em que moravam os povos aizos, a leste de Tado, fundaram o reino de Alladá (PARÉS, 2016). Por outro lado, por volta do século XVI, os hulas e os huedas, se deslocaram para o litoral, na região que ficou conhecida pelos viajantes europeus como Costa dos Escravos.

Os hulas fundaram em primeiro momento a unidade política do Popo, que depois veio a ser conhecido como Popo Grande. Segundo Nicolau Parés, o outro nome desta unidade política seria Hulagan, cujo significado era Grande Hula, justamente por ter sido fundado pelos hulas (PARÉS, 2009)³. Depois de algum tempo, devido as discordâncias políticas no interior deste povo, alguns habitantes de Popo partiram para outra região, também na Costa dos Escravos; se estabeleceram nas áreas costeiras, onde fundaram Glehué, o futuro porto de Ajudá, que se tornou um importante centro de comércio e conexão com o exterior. Assim, os hulas iniciaram o processo de formação da unidade política que veio a se tornar o reino de Uidá.

Pelas fontes não é possível saber se os próprios hulas chamavam sua unidade política de Uidá, mas na documentação escrita aparecem as denominações Whydah, utilizada pelos ingleses, Ouidah, pelos franceses, Ajudá, Judá ou Jurá pelos portugueses. Acredito que os viajantes tentavam reproduzir graficamente os nomes dos reinos ouvidos por eles e essas grafias poderiam ser variantes para transcrever o termo “hueda”. Seja como for, os hulas que viviam na região costeira se dedicavam em especial à produção de sal, à pesca e ao comércio favorecido pelas lagoas que corriam para o mar e que funcionavam como um via de comunicação e transporte aquático.

Os huedas, também vindos de Tado, teriam inicialmente se estabelecido nas proximidades do lago Ahémé. Os huedas também desempenharam um papel importante na formação do reino de Uidá. No entanto, essa é apenas uma das hipóteses sobre a origem desse povo, pois há outra teoria que sugere que os huedas que colonizaram Uidá podem ter originado da região oriental da Costa dos Escravos, onde habitavam os povos lukumi que vieram mais tarde a ser conhecidos como iorubás. Na região que veio a se tornar o reino de Uidá, os

³ O nome indígena de Grande Popo seria Hulagan, que significa Grande (PARÉS, 2009, p. 323-346).

huedas, apesar de serem numericamente inferiores, conseguiram estabelecer algum controle político e povoaram a região que mais tarde se tornou a capital do reino, Savi. Esta hipótese da origem iorubá dos huedas é defendida por historiadores como Robin Law (LAW, 2004), e Christian Merlo e Pierre Vidaud (MERLO, VIDAUD, 1984).

Não objetivo aqui resolver a questão acerca das origens dos hulas e huedas que fundaram os reinos da Costa dos Escravos. Até porque nesta pesquisa o importante é entender o processo de formação e as rivalidades entre estes reinos para se compreender quem eram as pessoas que estavam perdendo as guerras na Costa dos Escravos e por isso sendo escravizadas e trazidas para a região diaspórica de Minas Gerais.

No século XVII, o reino de Alladá exercia o domínio político sobre a região da Costa dos Escravos, monopolizando o comércio com os europeus, incluindo a venda de pessoas escravizadas que capturavam em várias partes do interior. O tráfico atlântico alterou drasticamente a estrutura política da região. Os povos de Popo, Uidá e Jakin (outro porto a leste de Uidá), por exemplo, começaram a competir com Alladá pelo controle do comércio de pessoas e armas e, no final do século, se libertaram do domínio de Alladá se tornando reinos politicamente autônomos (PARÉS, 2016). Por outro lado, também no século XVII, um grupo dissidente do reino de Alladá, conhecido como os alladahonu, migrou para o norte da região e, após se impor aos grupos autóctones, como os fons e outros, fundou o reino de Daomé que, aos poucos, se converteu, no século XVIII na maior potência militar da Costa dos Escravos. O Daomé derrotou o reino de Alladá em 1724 e o reino de Uidá em 1727, como será detalhado mais adiante.

Antes disso, conta a tradição que a libertação de Uidá do controle de Alladá se deu após uma guerra acontecida por volta de 1660 (PARÉS, 2016). A vitória foi atribuída ao deus serpente Dan, cultuado em Alladá. O povo de Uidá

acreditava que sua vitória se deveu à mudança de lealdade deste deus, que teria passado a apoiar Uidá. A partir de então, o deus serpente Dan, conhecido em Uidá como Dangbé (o grande Dan), tornou-se o mais importante do reino, como evidenciado no documento a seguir:

A principal Divindade do país é a Serpente, embora não se saiba quando ela começou a ser conhecida, a ser cultuada. É conhecido somente que, muito provavelmente, essa pretensa Divindade vem do Reino de Ardra. A população de Uidá estava pronta para guerrear com a de Ardra, quando uma grande Serpente saiu do exército inimigo e veio se entregar ao de Uidá. Mas ela parecia tão doce, que longe de morder, como os outros animais de sua espécie, ela afagou e acariciou todo mundo; o grande Sacrificador arriscou-se a pegá-la e levantá-la ao alto para que ela visse todo o exército, que espantado com esse prodígio, se prosternou diante desse animal manso e seguiu contra os inimigos com tanta coragem, que se livraram deles arrasando-os. Eles não deixaram de atribuir sua vitória a essa Serpente. Eles a levaram com respeito, lhe construíram uma casa, lhe levaram comida, e em pouco tempo esse novo Deus eclipsou todos os outros, mesmo os Fetiches que eram os primeiros e mais antigos Deuses do país (LABAT, 1730).⁴

Após consolidar seu poder, o reino de Uidá estabeleceu um lucrativo comércio com os europeus, no qual o tráfico de pessoas escravizadas desempenhava um papel central. Até 1727, Uidá era uma importante potência regional, controlando o comércio de seres humanos, mas isto mudou drasticamente após a derrota militar para o reino de Daomé.

Em 1724, o Daomé derrotou o reino de Alladá em uma conquista que não representou apenas um triunfo militar, mas também um marco político, já que Alladá era o berço da dinastia que governava o reino do Daomé. Após a vitória,

⁴Jean Baptiste Labat foi um missionário francês da Ordem dos Dominicanos, que viveu entre os anos de 1663 e 1738. Embora tenha feito várias viagens como missionário, Labat nunca esteve na Costa dos Escravos. Suas descrições sobre essa região e seus habitantes baseiam-se nos relatos de Chevalier des Marchais, um francês que visitou o Reino de Uidá a serviço do Rei da França.

o rei Agaja incorporou o território e os recursos de Alladá, além de escravizar sua população e destiná-la ao comércio transatlântico de escravizados para as Américas. Apenas três anos após a vitória sobre Alladá, Agaja entrou em conflito com o reino de Uidá que derrotou em 1727, produzindo grande número de prisioneiros de guerra que foram vendidos para as Américas (MAIA, 2022).

Desta forma, as derrotas de Alladá em 1724 e de Uidá em 1727 para o reino do Daomé não apenas marcaram a perda de autonomia política e econômica desses reinos, mas também evidenciaram a instabilidade nas relações de poder na Costa dos Escravos. Reinos que dominavam o comércio de escravizados rapidamente perderam sua soberania e se tornaram vítimas do sistema de exploração que antes controlavam, pois ao perderem a guerra eram escravizados pelo povo vencedor (MAIA, 2022).

Isso demonstra que, na primeira metade do século XVIII, a dinâmica de poder na região sofreu uma transformação profunda, que acabou beneficiando os europeus e colonos envolvidos no tráfico internacional de seres humanos. As derrotas dos povos africanos resultaram em um aumento significativo na oferta de pessoas escravizadas para traficantes e senhores nas Américas, permitindo que esses grupos lucrassem com as guerras e a superexploração humana. No entanto, as pessoas trazidas destes povos escravizados desempenharam um papel crucial nas regiões diaspóricas, impactando profundamente as dinâmicas culturais e sociais locais, através da recriação de suas culturas, nas sociedades para as quais foram levadas.

Os relatos dos viajantes: como a música esteve entrelaçada com o estabelecimento das relações diplomáticas no reino de Alladá

Em Alladá, a música e a dança no reino eram elementos centrais nos eventos políticos de recepção, hospitalidade e diplomacia por parte do chefe político local, que o viajante François d' Delbée chamou de “*príncipe*” (DELBÉE,

1771, 393 a 397). Para tanto utilizo o relato deste viajante, que esteve no reino de Alladá na segunda metade do século XVII.

O viajante relatou um evento de recepção realizado pelo chefe político local para recebê-lo. Descreveu a organização meticulosa do evento, onde um grupo, identificado como membros da casa do "*príncipe*", tocou várias músicas e apresentou uma série de performances. O chefe político de Alladá utilizou a música e a dança como ferramentas diplomáticas e de demonstração de soberania. Talvez este seja um dos fatores que explicam o fato de os europeus se adequarem às demandas locais dos africanos quando estavam na Costa da Mina. François d' Delbée descreveu com detalhes a chegada do príncipe à beira-mar e a subsequente construção de uma grande tenda. Nas palavras do viajante:

(...) o Príncipe foi à beira mar onde tinha ordenado levantar uma grande tenda [...] Em terra, um dentre eles que parecia um Oficial, me disse em Português para permanecer ali: o que eu fiz [...] eu vi se aproximar um bando desses Negros, que seguravam bastões em forma de S, na ponta dos quais havia um pequeno estandarte com o qual faziam cem malabarismos (DELBÉE, 1771, 393 a 397).

O trecho acima destaca o cuidado em preparar uma grande tenda à beira-mar e a sequência de eventos detalhadamente coreografados indicam uma forte tradição de recepção e acolhimento suntuosos, onde cada gesto e música serviam para deixar os visitantes admirados. O fato de terem pessoas realizando malabarismos com bastões decorados, acompanhados por estandartes, sugere uma performance cuidadosamente organizada e ensaiada. Entendo, portanto, que a combinação de elementos visuais e performáticos, revelam as estratégias de exibição de poder e prestígio por parte do príncipe de Alladá.

A descrição também aponta para o uso da língua portuguesa no evento. Entendo por este documento que a elite de Alladá adotou a estratégia de

aprender as línguas de outros povos, dentre elas o português, para fins diplomáticos e de comércio com cada um destes, o que entendo como agência⁵ deste povo pela via do conhecimento, já que eles aprenderam outras línguas para agir na economia e na política.

Depois das pessoas que faziam a performance de malabarismo vinham os músicos. Chamou muita atenção do viajante François d' Delbée, a variedade de instrumentos musicais e práticas performáticas que enriqueciam a recepção que o chefe político oferecia ao seu convidado. Segundo ele após os malabaristas:

(...) marchavam outros que tinham **tambores** mais estreitos nos seus extremos, sobre os quais batucavam uma espécie de cadência [...] Eles eram seguidos por outros que carregavam uma espécie de **sino**, com os quais faziam uma **música** relativamente ritmada, ao som do qual aqueles que os acompanhavam faziam **muitos gestos estranhos e extravagantes**; alguns **cantavam**, outros **contavam em sua língua contos para fazer rir**, e tudo o que os bufos podem inventar para divertir (...) (DELBÉE, 1771, 393 a 397).

Esta descrição dos instrumentos musicais feita pelo viajante revela uma cultura rica e diversificada. O ritmo dos tambores e o som ritmado dos sinos e trompetes curtos sugerem uma estrutura musical bem definida. A combinação destes sons juntamente com cantos e narrativas humorísticas, destaca a complexidade e sofisticação das tradições artísticas em Alladá. A música, era acompanhada por dança, que em sua alteridade, o viajante descreveu como “*muitos gestos estranhos e extravagantes*” (DELBÉE, 1771, 393 a 397). Portanto, a expressão corporal era parte importante do evento político-diplomático de recepção ao viajante.

⁵ No referencial teórico que adoto, recorro ao conceito de 'agência' para explicar como sujeitos ou coletividades desenvolvem estratégias e tomam decisões que lhes permitem intervir em suas próprias trajetórias, mesmo quando inseridos em situações marcadas pela opressão, exploração ou dominação, como no contexto colonial e escravista.

Outra questão a ser tratada no relato do viajante é a presença dos contadores de histórias e narrativas cômicas no evento de recepção. Estes elementos indicam que as apresentações artísticas em Alladá eram veículos de transmissão cultural e social, onde os contadores de histórias desempenhavam um papel crucial na educação, eventos políticos e entretenimento da comunidade para além dos momentos de rituais religiosos. Entendo deste modo que, a combinação de instrumentos, gestos e narrativas sugere uma performance integrada que servia para reforçar laços sociais, culturais, políticos e diplomáticos através da música e da dança.

Por fim cabe ressaltar no relato do viajante François d' Delbée a língua na qual os cantos eram executados. Observe o trecho no qual ele afirma que: *“alguns cantavam, outros contavam em sua língua contos para fazer rir”* (DELBÉE, 1671, 393 a 397). O viajante evidencia que os contos, eram apresentados na língua local.

Em resumo, o documento ilustra como no reino de Alladá a música e a dança eram fundamentais para a vida social e política. Estas práticas não eram meramente decorativas ou recreativas; elas desempenhavam um papel crucial na consolidação do poder e estabelecimento de relações diplomáticas que ultrapassava o campo religioso.

A utilização dos Sinos no reino de Alladá

Um aspecto particularmente notável no relato do viajante François d' Delbée é a menção a um instrumento musical descrito pelo viajante como *“uma espécie de sino, com os quais faziam uma música relativamente ritmada”* (DELBÉE, 1671, 393 a 397). Esses “sinos” não se referem às campanas das igrejas católicas, mas a diversos tipos de instrumentos musicais incluindo o idiofone dos tipos percutidos ou agitados com ousem badalos, incluindo sinos de mão, com um

badalo no meio, e outros percutidos externamente com uma barra de madeira ou ferro. Esses instrumentos, junto com os idiofones de agitação, como as cabaças com pequenos objetos no interior, que funcionavam como chocalhos, ou recobertas por uma malha externa de contas, faziam parte das orquestras e práticas musicais da Costa dos Escravos.

Pensando sobre a presença dos “sinos” como instrumentos musicais em Alladá apresento duas interpretações possíveis. A primeira é que eles eram uma criação original desse povo, sendo, portanto, parte integrante de sua cultura musical, como sugere a centralidade desses instrumentos na prática religiosa. A segunda possibilidade é que os sinos já existiam tenham sido introduzidos pelos europeus e, posteriormente, incorporados às práticas musicais locais. Apresento esta segunda possibilidade porque em um outro documento verifiquei a menção da utilização dos sinos como forma de pagamento em Alladá. Trata-se do relato do viajante Jean Barbot, de 1688, no qual ele explica que os sinos eram utilizados como forma de pagamento pelos europeus neste reino juntamente com os búzios, que eram a moeda local:

(...) por um escravo, normalmente **se paga a metade do valor em búzios, e a outra metade em produtos comerciais**. Se os búzios são apreciados na Europa se dá apenas um terço ou um quarto do valor, e o restante nos seguintes produtos: barras de ferro, coral fino e longo, cetins da China, couro dourado, damasco branco e vermelho, panos de Chipre, panos draps vermelhos com bordas largas, copos de cobre vermelho, pulseiras de cobre, contas de vidro de Veneza em várias cores, ágatas, espelhos dourados, sarjas de Leyden, platilhes de linho, moreas, salamporis, chita sobre uma base vermelha, tapseil larga e estreita, cannequins azuis, pano largo chamado pano da Guiné, estreito do mesmo tipo, cannequins duplos, conhaque francês em ankers e meia-ankers, vinho licoroso, chapéus pretos Codebec, tafetás italianos vermelhos e brancos, panos de ouro e prata, facas chamadas bossemans, sedas armoisin listradas em branco sobre uma base floral, com brocados em ouro ou prata, flores de cetim branco, armoisins indianos, guardanapos de damasco,

mosquetes, espingardas, pólvora, margriettes contas grandes, brincos grandes de cristal, grandes espadas douradas, echarpes em tafetá, grandes guarda-sóis, peças de 8, e **sinos de cobre feitos em forma de pirâmide**. Todos estes produtos são adequados também para o Benim, Rio de Lagos, e ao longo do Golfo da Etiópia, assim como no Rio Gabão (BARBOT, 1688. p.142 e 143).⁶

Note neste trecho acima a menção aos "*sinos de cobre feitos em forma de pirâmide*" (BARBOT, 1688. p.142 e 143), que se destacam como um dos itens utilizados nas transações comerciais. Isto indica claramente que os sinos eram usados pelos europeus como mercadoria de troca na Costa dos Escravos. Corroborando essa informação, encontrei outro documento, um relato do viajante François Delbée datado de 1671, que também se refere aos sinos como mercadoria de troca no reino de Alladá, conforme evidencia o trecho abaixo:

As mercadorias próprias para fazer o trato em Ardres /448/ são grandes *marguerittes* [contas], grandes brincos de cristal, cutelos grandes e dourados, estofas de tafetá e de seda estriada e estampada das cores dos cobertores; alguns tecidos bastante finos, lenços com borlas, echarpes de tafetá; barras de ferro e velas ou conchas em quantidade, algumas galinhas-d'Angola brancas e vermelhas, tecidos brancos da Índia, uma espécie de **sino de cobre do qual três quartos é pontiagudos por cima em forma de pirâmide**, coral alongado, o redondo não vale nada, bacias de cobre grandes e fortes, alguns fuzis baratos, aguardente, grandes guarda-sóis, alguns /449/ espelhos dourados de vários tamanhos, tafetás da China, pó de ouro, ou inclusive de prata, se possível (DELBÉE, 1671, 393 a 397).

Observe que, mais uma vez, os sinos são descritos como sendo "*de cobre do qual três quartos é pontiagudos por cima, em forma de pirâmide*" (DELBÉE, 1671,

⁶ Os grifos são meus. Este documento sobre as práticas comerciais em Alladá revela aspectos cruciais da economia e das trocas culturais entre africanos e europeus durante o período colonial. A lista extensa de bens comercializados, que inclui desde tecidos finos, metais preciosos, até armas e bebidas alcoólicas, reflete a complexa rede de comércio que se desenvolveu na região, impulsionada pela demanda europeia por escravos e outros produtos africanos (BARBOT, 1688. p.142 e 143).

393 a 397), conforme registrado também no documento anterior. Diferentemente dos sinos locais que geralmente possuíam o formato cônico e liso, esses sinos tinham arestas devido ao seu formato piramidal.

A inclusão destes sinos ao lado de outros produtos luxuosos e utilitários trazidos pelos europeus, em ambos os documentos, sugere que eles não eram originalmente instrumentos musicais com valor de uso ritual, mas que possuíam um valor de troca econômico significativo⁷. Rafael Galante mostra os sinos na África Centro-Occidental já estavam no continente, mas só as elites tinham acesso, monopolizando assim o instrumento musical, no Congo era uma insígnia do poder, um marcador de status social (GALANTE, 2022). Acredito que igualmente em Alladá na África Ocidental, os sinos já existiam antes das trocas comerciais com os europeus, porém somente a elite tinha acesso, sendo ele portanto um símbolo de poder. E após o início do comércio com os europeus, os sinos começaram a existir na região em maior número devido à venda do instrumento musical pelos europeus.

De qualquer forma, independente da origem dos sinos em Alladá e na África Ocidental, o fato de serem mencionados especificamente na forma de pagamento indica que os sinos existiam nesta região, e tinham adquirido uma importância particular na economia local, provavelmente por serem muito utilizados nas músicas produzidas na região.

⁷ A prática de combinar búzios, uma forma de moeda local, com bens europeus como forma de pagamento, revela a complexidade do comércio neste reino que merece um estudo mais aprofundado. Esta combinação de valores monetários, bens e utilização destes bens nas práticas artísticas locais demonstra uma forma de agência por parte dos africanos, que integrava novos produtos ao seu sistema econômico, social, político e cultural. Sobre a complexidade do comércio e sua relação com a história cultural na África Ocidental há o trabalho do historiador Felipe Malacco, que explora o espaço da Senegâmbia entre 1580 e 1700, utilizando a perspectiva da História Social do Comércio. Malacco analisa as práticas comerciais de agentes senegambianos, saarianos e atlânticos, destacando como essas atividades influenciavam e eram influenciadas pelas relações econômicas, políticas, sociais e culturais da região (MALACCO, 2023).

Mulheres, sinos e práticas musicais em contextos de hospitalidade e diplomacia no reino de Alladá e os sinos nas práticas comerciais no reino de Uidá

Há outro documento que comprova que os sinos eram instrumentos musicais presentes no reino de Alladá. Trata-se do relato de Jean Labat, que escreveu em 1730. Ele evidencia as práticas culturais e estratégias de poder deste reino, desde a recepção dos visitantes até a performance musical, que incluiu a participação notável das mulheres musicistas e a existência dos sinos como instrumentos musicais típicos deste povo.

A narrativa de Labat descreve a chegada do senhor d'Elbée, no século XVII, ao reino de Alladá, onde foi recebido com grande hospitalidade pelo chefe político em primeiro momento e depois pelo chefe religioso. Um ponto central na obra de Labat é a descrição dos sinos tocados pelas mulheres como se pode ler pelo trecho abaixo:

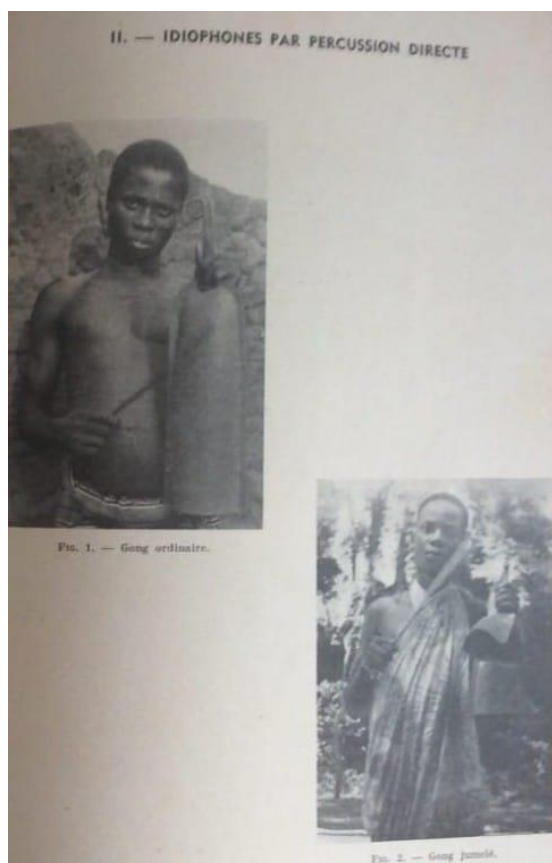
Havia entre setenta e oitenta **mulheres**. A chegada do Marabu e do Francês não lhes causou, pelo menos tanto quanto se podia perceber, nem emoção nem curiosidade. Elas continuaram seu canto e sua sinfonia, **batendo com pequenas baquetas sobre sinos de ferro e de metal**, segurados com a mão esquerda, **em forma de cilindros de diferentes comprimentos e larguras** (Labat, 1930, p.316 a 318).

Este documento permite inferir que os instrumentos musicais tocados pelas mulheres de Alladá eram os *gân*⁸ ou *gankpànví*, em suas versões de

⁸ O *gân*, também denominado agogô de ferro é um instrumento musical tradicionalmente utilizado no candomblé, religião de origem africana praticada no Brasil até os dias atuais. Originário da África Ocidental, o *gân* foi recriado na diáspora, mantendo sua importância nas práticas religiosas afro-brasileiras. Sua continuidade ao longo dos séculos demonstra a

campana simples ou duplas, amplamente apreciados pelos daomeanos e pelos iorubás. A figura 2, produzida em meados do século XX, ilustra o que provavelmente era o sino descrito no documento:

Figura 2 - Instrumentos Musicais Tradicionais do Baixo Daomé nas Culturas Fon, Adja, Katofon, Péda e Aizo⁹



CRUZ, Clément da. Les instruments de musique dans le Bas-Dahomey (population Fon, Adja, Katofon, Péda, Aizo). In: *Études Dahoméennes*.. Dakar: Institut Français d'Afrique Noire (IFAN), 1954.

A descrição de Labat também oferece uma visão valiosa sobre a participação das mulheres como musicistas em Alladá. A descrição indica que entre setenta e oitenta mulheres estavam envolvidas ativamente na execução

persistência das tradições musicais africanas, que foram adaptadas e preservadas no contexto religioso do candomblé no Brasil.

⁹ Agradeço ao prof. Luis Nicolau Parés pela indicação dessa fonte.

musical, utilizando "*pequenas baquetas*" para tocar sinos de ferro e metal.

A passagem revela que essas mulheres desempenhavam papéis musicais com um nível de habilidade e organização que sugere uma tradição estabelecida de prática musical. A menção à "*sinfonia*" (Labat, 1930, p.316 a 318), também indica uma complexidade na música que ia além de simples batidas rítmicas, pois envolviam coordenação e harmonia, características associadas a práticas musicais mais sofisticadas. Além disso, a ausência de "*emoção nem curiosidade*" (Labat, 1930, p.316 a 318), destas mulheres musicistas diante da chegada do viajante sugere que elas estavam profundamente imersas na prática musical e acostumadas com a presença de figuras externas vendo-as tocar os instrumentos musicais. Assim, o documento confirma a presença de mulheres musicistas em Alladá e também sugere que estas mulheres ocupavam um lugar importante na tradição musical e relações diplomáticas deste reino.

Uma parte fundamental deste documento é o destaque dado à hospitalidade e diplomacia dos chefes africanos. Nas palavras de Labat:

Foram até a casa do grande Marabu que tinha convidado o senhor d'Elbée para jantar. **Ele foi recebido na casa desse primeiro Ministro com toda a educação imaginável.** O piso da sala onde comeram era coberto de um grande tapete da Turquia, sobre o qual tinham esteiras finas e muito limpas que serviam de toalhas. Os convidados tinham diante deles pratos de faiança com grandes guardanapos que valiam dois dos nossos. Foram servidos carnes cozidas e assadas, cozido à moda do país, vários tipos de vinhos e de licores. O grande Marabu não se esqueceu de nada para tratar bem seus convidados. /317/ [...] Acompanhava a música e a sinfonia de ar agradável. Iniciou no meio do jantar. Escutavam-se vozes como vozes de crianças acompanhados do som de pequenos sinos que pareciam vir de longe e que o senhor d'Elbée escutava com atenção porque apreciou o seu método. O Marabu, que falava muito bem português, lhe perguntou o que ele achava dessas vozes (Labat, 1930, p.316 a 318).

Como se pode perceber pelo trecho acima, Labat descreve a

hospitalidade oferecida ao homem europeu, no caso d'Elbée. O que revela uma sofisticação e uma preocupação meticulosa dos chefes religiosos e políticos com a recepção de convidados estrangeiros, refletindo a importância das práticas de hospitalidade como forma de demonstrar poder, soberania e o prestígio do povo de Alladá.

O viajante d'Elbée se impressionou tanto com o luxo e requinte da recepção que a descreveu com riqueza de detalhes. Segundo ele, o piso da sala onde foi servido o jantar estava coberto com um "*grande tapete da Turquia*", sobre o qual haviam "*esteiras finas e muito limpas*" (Labat, 1930, p.316 a 318), que serviam como toalhas, demonstrando um refinamento aguçado. A escolha dos pratos de faiança, acompanhados de "*grandes guardanapos que valiam dois dos nossos*" (Labat, 1930, p.316 a 318) reforçou essa imagem de luxo e atenção aos detalhes. A oferta de "*carnes cozidas e assadas, cozido à moda do país, vários tipos de vinhos e de licores*" (Labat, 1930, p.316 a 318), mostrou a preocupação do chefe religioso em não apenas saciar, mas em agradar e impressionar o convidado com uma variedade de alimentos e bebidas que evidenciavam a riqueza de Alladá.

Assim, a hospitalidade do chefe local em Alladá e sua demonstração de luxo e ostentação serviam como expressões de poder e estratégias políticas. A recepção dada ao visitante europeu, era um gesto de boas-vindas, bem como uma demonstração deliberada de poder, pois demonstra a intenção do chefe de Alladá de afirmar a soberania de seu povo e inclusive a superioridade de seu reino em relação ao estrangeiro.

A ênfase na atenção aos detalhes, na exibição de riqueza e cultura, reflete uma estratégia política consciente do chefe local, pois ele utilizava esses elementos como instrumentos de poder para impressionar o visitante, e estabelecer uma posição de autoridade e soberania. Ao ostentar sua riqueza e refinamento, ele transmitia uma mensagem clara: o reino de Alladá era uma

potência, cujo poder não deveria ser subestimado. Esta demonstração de poder tinha como objetivo influenciar o visitante europeu a perceber que seria mais vantajoso estabelecer uma aliança diplomática com Alladá, em vez de considerá-lo um adversário. A riqueza e os recursos do reino, evidenciados na recepção, sugeriam que qualquer tentativa de enfrentamento seria difícil e provavelmente infrutífera.

Em resumo defendo que o relato sobre o jantar oferecido pelo chefe religioso de Alladá a d'Elbée não apenas ilustra a refinada hospitalidade de Alladá, mas também revela como essas práticas eram utilizadas como instrumentos de poder e diplomacia. A combinação de uma recepção luxuosa, com elementos culturais sofisticados e um entretenimento musical cuidadosamente orquestrado, evidencia uma sociedade consciente da importância de projetar poder e prestígio aos olhos dos visitantes estrangeiros.

O sino era também um instrumento musical utilizado pelo povo do reino de Uidá. O viajante Thomas Phillips, no fim do século XVII, em seu relato de viagens, descreve o uso de um sino, que era utilizado para comunicar informações importantes à população local. O viajante relata que:

(...) foi ordenado que o **sino** fosse anunciar a todo o povo para trazer seus escravos ao tronco, para serem vendidos a nós. Esse sino é um pedaço oco de ferro com a forma de um pão de açúcar, a cavidade do qual pode conter 50 libras de búzios. O sino é carregado pela cidade por um homem que o bate com uma baqueta produzindo um som surdo e grave (PHILLIPS, 1732, p.118).

Como se pode perceber pelo trecho acima, o relato menciona o som "*surdo e grave*" que emanava do sino, quando batido com uma baqueta, tratando-se, portanto, de um idiofone de percussão direta de tipo *gankpànvi* (ver figura 2). Além de comunicar mensagens codificadas pelo som, o uso do instrumento refletia as sensibilidades estéticas da comunidade. A ação de

carregar o sino pela cidade e o impacto de seu som na vida pública indicam que este instrumento possuía uma presença marcante, contribuindo para a construção de um ambiente sonoro que era tanto artístico quanto econômico.

Acredito que o som "surdo e grave" produzido pelo sino ao ser batido com uma baqueta sublinha seu papel como um meio eficaz de comunicação pública. O fato de um homem carregar o sino pela cidade e anunciar eventos comerciais é uma evidência significativa de que estes instrumentos musicais eram integrados às práticas comerciais no reino. Nesse contexto, o relato de Thomas Phillips evidencia que os sinos não apenas facilitavam a organização de eventos comerciais, mas também desempenhavam um papel crucial na união do povo de Uidá, reforçando a coesão social e a integração comunitária em torno das atividades comerciais. Portanto, há uma integração entre o som do instrumento musical e a economia no reino de Uidá.

Nos relatos sobre os sinos na Costa dos Escravos, observa-se a presença de ao menos três tipos distintos: piramidal, cilíndrico e um grande, com som grave. Essa diversidade de formas e sons destaca a complexidade das práticas musicais africanas, que não se limitavam aos rituais religiosos, mas também se estendiam a outros contextos sociais, políticos e econômicos.

Os Sinos em Minas Gerais

Na capitania das Minas Gerais, no século XVIII, nos cadernos do Promotor,¹⁰ identifiquei a recriação dos sinos, um importante instrumento musical de origem africana. Esse instrumento foi encontrado na casa de Rosa¹¹, uma africana de nação mina, na Vila de São José del-Rei, em 1724, evidenciando

¹⁰ Os Cadernos do Promotor é um conjunto de documentos inquisitoriais composto por livros que reúnem denúncias e sumários de culpa produzidos em Minas Gerais ao longo do século XVIII e enviados ao Tribunal do Santo Ofício de Lisboa em Portugal.

¹¹ PT/TT/TSO-IL/030/0290 – m0238 a m0274

a continuidade das práticas musicais africanas na diáspora. A Figura 3 ilustra o mapa da capitania das Minas Gerais no final do século XVIII. A vila onde Rosa residia estava situada ao lado de São João d'El Rey, na Comarca do Rio das Mortes.

Figura 3- Mapa da Capitania das Minas Gerais no final do século XVIII



Fonte: SOUZA, Keli Carvalho Nobre de. *Ritmos da resistência: música e dança na vida dos africanos e seus descendentes em Minas Gerais no século XVIII*. 2024. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025 p.38.

Em 1724, a capitania de Minas Gerais era governada por D. Lourenço de Almeida (1720–1732), que já havia se deparado com questões relativas à

aglomeração de pessoas escravizadas, especialmente durante a noite, ao som de música. Em uma carta enviada aos oficiais da câmara de Vila Rica, datada de 1721, o governador relatou que muitos desses escravizados alegavam ter permissão dele para se reunir sempre que seus senhores os procuravam, o que segundo ele, não era verdade, pois não lhes havia concedido tal autorização. Segundo D. Lourenço: “(...) *as queixas que havia já dos moradores da rua da paz e dos tumultos dos negros que ali se ajuntava, particularmente aos dias santos e que os vendilhões se opunham aos senhores que iam buscar os seus*”¹².

Este contexto sugere que, além de Rosa, uma africana de nação mina, outros africanos e seus descendentes também estavam envolvidos na produção de práticas culturais que incluem a música e que isto representava uma forma de resistência cultural. Assim, esses encontros, ao som de música, não eram apenas formas de expressão, mas também reflexos das tensões entre a população escravizada, os donos das pessoas escravizadas, a administração colonial e eclesiástica.

Como mostrei anteriormente, nos reinos de Uidá e Alladá, na Costa dos Escravos, na África Ocidental os sinos desempenhavam um papel crucial, sendo usados não apenas em rituais religiosos, mas também em eventos políticos e diplomáticos, como o anúncio da chegada de estrangeiros, e em contextos econômicos e comerciais. Evidencio também que havia mulheres musicistas nestes reinos, que tocavam os sinos em ocasiões como rituais religiosos e na recepção diplomática.

Em Minas Gerais, observei na documentação que o sino, ou a utilização deste instrumento, foi recriado pela africana Rosa, de nação mina, descrita como negra escravizada de Bernardo Pinto. Ela foi presa por José Nogueira Ferras, vigário de Vila de São José del-Rei, em 1724, e durante sua prisão, foram encontrados com Rosa diversos itens, incluindo “*uma bolsa com orações, cartas de*

¹² APM SC, cod.13, p.20. Ironicamente o fato ocorreu na Rua da Paz.

tocar, uma custódia em tinta preta, duas escadas, sinos e cruzeiros"¹³. Esses objetos provavelmente estavam relacionados aos rituais de matrizes africanas que Rosa recriou em Minas Gerais, destacando-se entre eles o uso dos sinos.

Como expliquei anteriormente, os sinos eram instrumentos significativos nos reinos de Uidá e Alladá, na Costa dos Escravos, e eram tocados pelas mulheres. Embora Rosa tenha sido descrita como de nação mina, o que abrange uma vasta diversidade de povos, há uma possibilidade de que ela tenha sido originária da Costa da Minas, localizada na África Ocidental, talvez dos reinos de Uidá ou Alladá. Não posso afirmar isso com certeza, mas, considerando o contexto, é possível inferir que os sinos, que eram tocados por mulheres na Costa dos Escravos, foram igualmente recriados por Rosa, uma mulher africana, em Minas Gerais no século XVIII. Esse uso dos sinos é, portanto, uma evidência da recriação de instrumentos musicais africanos na diáspora.

É importante destacar que, no caso de Rosa mina, ela não foi a denunciada, mas sim a causadora da denúncia. O denunciado foi o vigário José Nogueira Ferras, acusado de "*perturbar o ministério do Santo Ofício*"¹⁴ ao prender Rosa, uma escravizada de nação mina, de propriedade de Bernardo Pinto, com quem, segundo a denúncia, "*andava mal encaminhado*"¹⁵. A denúncia contra o vigário foi feita por outro vigário, Domingos Luís da Silva. Não encontrei nenhuma denúncia direta contra Rosa mina que justificasse sua prisão. No entanto, encontrei uma denúncia contra uma africana chamada Rosa¹⁶, também de nação mina, feita muitos anos depois da prisão de Rosa mina, em 1764, em Vila Real de Sabará. A prisão de Rosa mina ocorreu em 1724, e a denúncia de 1764 descrevia a acusada como "*Rosa Gomes, preta, forra, mina*"¹⁷, enquanto a

¹³ PT/TT/TSO-IL/030/0290 – m0238 a m0274

¹⁴ PT/TT/TSO-IL/030/0290 – m0238 a m0274

¹⁵ PT/TT/TSO-IL/030/0290 – m0238 a m0274

¹⁶ PT/TT/TSO-IL/030/0317 – m0157 a m0196

¹⁷ PT/TT/TSO-IL/030/0319 – m0867 e m0868

Rosa mina de 1724 era descrita como “*Rosa, negra, mina, escrava de Bernardo Pinto*”¹⁸. A denúncia de 1764 envolvia acusações de “*desacato, contra as imagens de Nossa Senhora, Santo Cristo e Santo Antônio, despedaçadas à porta da casa*”. Embora não se possa afirmar com certeza que a denúncia de 1764 se refira à mesma Rosa mina presa em 1724, existe a possibilidade de que se trate da mesma pessoa, que pode ter conseguido a alforria e adotado o sobrenome Gomes.

De qualquer forma, mesmo que as duas Rosas sejam a mesma, o fato relevante é que Rosa mina, presa em 1724, não foi denunciada diretamente, sugerindo que sua prisão pode ter sido motivada por interesses pessoais do vigário José Nogueira Ferras. A prisão ocorreu sem justificativa formal, e, ao que tudo indica, ela foi detida sem uma razão válida. O aspecto mais interessante desse caso, contudo, é que Rosa mina conseguiu não apenas recriar o uso do sino e as práticas religiosas de sua cultura na diáspora, mas também se articulou de maneira eficaz para que o vigário responsável por sua prisão fosse denunciado por outro vigário. Isso demonstra claramente sua agência, utilizando o conhecimento adquirido em sua terra natal para resistir à imposição da cultura europeia. Rosa mina não apenas recriou as práticas culturais e religiosas de seu povo, mas também usou seu entendimento das estruturas de poder colonial para desafiar a autoridade que a oprimia, evidenciando a resistência e a capacidade de ação dentro do sistema colonial.

Desta forma, chama atenção o fato de que a pessoa africana registrada em um documento inquisitorial como portadora de um sino em Minas Gerais era uma mulher, Rosa, da nação mina. No reino de Alladá, localizado na África Ocidental, há registros de que as mulheres também desempenhavam o papel de musicistas, tocando sinos em contextos diplomáticos. Não afirmo, neste artigo, que Rosa tenha pertencido especificamente ao povo de Alladá, mas destaco que

¹⁸ PT/TT/TSO-IL/030/0290 – m0238 a m0274

há evidências da atuação de mulheres com sinos tanto na África Ocidental quanto em Minas Gerais, revelando continuidades culturais no contexto da diáspora africana.

Conclusão

A música e a dança constituem elementos essenciais nos rituais religiosos africanos. Alguns estudos como o de Nicolau Parés (PARÉS, 2022) e Lia Laranjeira (LARANJEIRA, 2015), têm documentado a presença dessas manifestações culturais na África Ocidental. Entretanto, noto uma lacuna significativa na literatura acadêmica sobre a música e a dança em contextos não religiosos. Por isso, neste artigo, identifiquei e analisei outros contextos em que a música e a dança exerceram um papel central, ultrapassando a esfera religiosa, com foco nos reinos de Alladá e Uidá. São eles: comércio e os encontros político-diplomáticos e jantares de recepção oferecidos pelas elites africanas.

Esta análise é vital para demonstrar que os povos africanos não se limitaram à produção religiosa, eles desenvolveram uma rica e diversificada tradição artística aplicada a outros âmbitos da vida em sociedade. Essa perspectiva reforça a hipótese por mim defendida, de que as pessoas escravizadas e trazidas para a capitania das Minas Gerais, no Brasil colonial possuíam uma bagagem cultural e artística que recriaram na região. Assim, fica evidente que a contribuição africana foi fundamental para a formação da vida cultural e artística na diáspora.

Em conclusão, analisei neste artigo a presença e a continuidade de práticas culturais africanas em Minas Gerais no século XVIII, com ênfase na música e, em especial, no uso do sino como instrumento musical. Busquei evidenciar o protagonismo das mulheres nessas expressões, a partir de dois

exemplos significativos: Rosa, africana da nação Mina mencionada nas fontes históricas. Desta forma, procurei mostrar como as mulheres africanas e suas descendentes atuaram ativamente na preservação de práticas musicais africanas no contexto da diáspora.

FONTES

- Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Lisboa, Portugal: adernos do Promotor
- Arquivo Público Mineiro (APM) - Fundo: Sessão colonial (SC)

FONTES IMPRESSAS

BARBOT, Jean. **Description des côtes d’Affrique**. Londres: Hakluyt Society, 1992. In: HAIR, Paul; JONES, Adam; LAW, Robin (eds.). Barbot on Guinea: the writings of Jean Barbot on West Africa 1678–1712. 1688. p. 142–143.

DELBÉE, François d'. **Journal du voyage du Sieur Delbée, commissaire général de la marine, aux isles, dans la coste de Guynée, pour l’établissement du commerce en ces pays, en l’année 1669, & la présente: avec la description particulière du Royaume d’Ardres & Suite du Journal**. Paris: Clouzier, 1671. In: DE CLODORÉ, D. (ed.). **Relation de ce qui s’est passé dans les Isles et Terre-ferme de l’Amérique pendant la dernière guerre avec l’Angleterre, et depuis en exécution du Traitté de Breda... avec un journal du dernier voyage du Sr de La Barre en la terre ferme et île de Cayenne... le tout recueilli... par J. C. S. D. V.. Où est joint le journal d’un nouveau voyage fait en Guinée...**, vol. II, p. 347–558, especialmente p. 393–397.

LABAT, Jean Baptiste. **Voyage du Chevalier des Marchais en Guinée, isles voisines et à Cayenne, fait en 1725, 1726 et 1727**. Paris: Chez Saugrain, Quay de Gefvres, à la Croix Blanche, 1730. p. 316–318.

LAW, Robin. **Ouidah: the social history of a West African slaving “port”, 1727–1892**. Athens: Ohio University Press; Oxford: James Currey, 2004.

LAW, Robin. **The common people were divided: monarchy, aristocracy and political factionalism in the kingdom of Whydah, 1671–1727.** International Journal of African Historical Studies, n. 23, 1990, pp. 201–229.

MERLO, Pierre; VIDAUD, Christian. **Dangbé et le peuplement houéda.** In: MEDEIROS, François de. (Org.). **Peuples du Golfe du Bénin (Aja-Ewé).** Paris: Karthala, 1984. p. 269–304.

PHILLIPS, Thomas. **A Journal of a Voyage made in the Hannibal of London, Ann. 1693, 1694, from England to Cape Monseradoe, in Africa, and thence along the coast of Guiney to Whidaw, the Island of St. Thomas and so forward to Barbadoes with a cursory account of the country.** Londres: Astley, Schwabe, 1732. In: CHURCHILL, Awnsham; CHURCHILL, John (eds.). **Collection of Voyages and Travels**, v. 6, p. 118.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALANTE, Rafael Benvindo Figueiredo. **Essa gunga veio de lá! – Sinos e sineiros na África Centro-Occidental e no Brasil centro-africano.** Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, 2022.

LARANJEIRA, Lia Dias. **O culto da serpente no reino de Uidá: um estudo da literatura de viagem europeia – séculos XVII e XVIII.** Salvador: Edufba, 2015.

MAIA, Moacir. **De reino traficante a povo traficado: a diáspora dos courás do golfo do Benim para as minas de ouro da América Portuguesa (1715–1760).** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

MALACCO, Felipe Silveira de Oliveira. **História social do comércio na Senegâmbia: espaço e agência local (1580–1700).** 2023. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2023.

PARÉS, Luis Nicolau. **O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PARÉS, Luis Nicolau. **The Hula “problem”: ethnicity in the pre-colonial Slave Coast.** In: FALOLA, Toyin; CHILDS, Matt D. (Org.). **The Changing Worlds of Atlantic Africa: Essays in Honor of Robin Law.** Durham: Carolina Academic

Press, 2009, p. 323–346.

SOUZA, Keli Carvalho Nobre de. **Ritmos da resistência: música e dança na vida dos africanos e seus descendentes em Minas Gerais no século XVIII.** 2024. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.